

V I D A (*)

Nem a paz, nem o fim! A vida, a vida apenas!
E' tudo que encontrei e é tudo que me espera!
O ouro, a fama, o prazer e as ilusões terrenas
São lodo, fumo e cinza ao fundo da cratera.

Esvaiu-se a vaidade!... Os júbilos e as penas,
A alegria que exalta e a dor que regenera,
Em cenário diverso aprimorando as cenas,
Continuam, porém, vibrando noutra esfera.

Morte, desvenda à Terra os planos que descobres,
Fala de tua luz aos mais vis e aos mais pobres,
Renova o coração do mundo impenitente!

(*) Os lindos sonetos acima foram recebidos numa reunião íntima só do médium com o nosso companheiro de redação Ismael Gomes Braga, em escrita inteiramente mecânica, com letras enormes. Notámos que o nome nos era inteiramente desconhecido entre os poetas de língua

Dize aos homens sem Deus, nos círculos escuros,
Que além do gelo atroz que te reveste os muros,
Há vida... sempre a vida... a vida eternamente...

Diante da Terra

Fugindo embora à paz de eternos dons divinos,
Sem furtar-se, porém, à luta que aprimora,
O homem é o semeador dos seus próprios destinos,
Ave triste da noite, esquivando-se à aurora...

portuguesa e perguntámos ao Espírito onde poderíamos obter informes a seu respeito. Respondeu-nos: "Nos registos do Exército brasileiro por volta de 1899; porque fui oficial."

Em nenhuma enciclopédia encontrámos o nome, mas, por intermédio de um oficial, recebemos os seguintes dados:

"Capitão da Arma de Cavalaria, Edmundo Francisco Xavier de Barros, filho de Pacifico Antônio Xavier de Barros, nascido em 1861, no Estado de Goiás. Assentou praça voluntariamente no 2º Regimento de Artilharia a Cavalo, em 15 de Outubro de 1877. Alferes a 4 de Janeiro de 1890. 1º Tenente a 12 de Janeiro de 1893. Capitão a 18 de Outubro de 1901. Faleceu no serviço ativo, em 17 de Janeiro de 1905".

Por enquanto nenhum outro dado possuímos sobre o poeta invisível. Não sabemos se deixou obras literárias, se era conhecido como poeta. — *Nota de Reformador 1947, página 294.*